

A PERMANÊNCIA NA TRANSFORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DA PERMANÊNCIA

Abertura do XVI ENG

(uma leitura particular de algo que parece ser, sempre, novo e velho, atual e distante, pequeno e gigantesco, singular e universal)

Eliseu Savério Sposito

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo
Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Presidente Prudente
E-mail: saverio@fct.unesp.br

Chovia em Porto Alegre. Para chegar ao local da abertura do XVI ENG, foi fácil porque contamos com o auxílio da Ana Maria, aquela voz eletrônica e bem postada do nosso GPS, presente de Dióres e Marilu por nossos (Carminha e Eliseu) trinta anos de UNESP. Estava muito escuro e, além da ajuda do GPS, foi necessário o auxílio de um porteiro de edifício em uma guarita bem isolada da rua para que o portão de entrada da Casa do Gaúcho fosse, finalmente, localizada e encontrada. Auditório amplo onde o frio incomodava porque parecia entrar por todos os poros e chegar aos ossos. Os pés estavam e ficaram gelados por toda a noite.

A chuva continuava. A entrada no recinto já foi inusitada. Uma fila, formada por jovens alegres que se avolumavam em linha tortuosa e movediça, para a compra de quentão ou vinho quente se estendia por cinco metros, nos fundos do auditório. Nas últimas cadeiras do auditório, os alunos da turma Milton Santos do Curso de Geografia da FCT/UNESP, campus de P. Prudente, abanando suas bandeiras vermelhas ressaltavam sua presença. O encontro de geógrafos começava a se esboçar e lembrar a dinâmica própria dos eventos anteriores. É o jeito de ser da AGB que se delineava, sem nenhuma novidade mas, ao mesmo tempo, aparentando ser totalmente novo.

Rever alguns amigos de longa data era inevitável. Evitar outros também fazia parte das medidas. Agradáveis os cumprimentos, as perguntas triviais (Tudo bem? Como vai?), a procura por um lugar mais adequado para ver a mesa de abertura, os lugares marcados com as bolsas do encontro (que não foram ocupados por seus donos), a estudantada comandando e dominando o ambiente.

O show de abertura, como soi acontecer em todos os eventos, foi comandado por um artista local: Pedro Munhoz. Acompanhado pelo seu violão, voz rouca bem afinada, suas letras engajadas em defesa dos movimentos sociais, teve que pedir, três vezes, silêncio para que pudesse interpretar suas canções. O silêncio não veio, ele aumentou o volume da caixa de som, o silêncio não veio, ele cantou assim mesmo. Deu seus recados, declamou uma longa poesia, dedilhou com competência seu violão, e o silêncio não veio. Comprei um disco dele para escutar, com mais calma, e analisar o conteúdo das letras.

A abertura teve, como proposta de dinâmica, um diálogo entre Boaventura de Souza Santos e Ana Fani Alessandri Carlos. Ele falou da sua proposta de dialética abissal, criticando o colonialismo incrustado em nossos corações e mentes. Ana Fani expôs sua interpretação de Marx propondo a metageografia, conceito que ela defende há algum tempo.

Revista NERA	Presidente Prudente	Ano 13, nº. 17	pp. 157-159	Jul-dez./2010
--------------	---------------------	----------------	-------------	---------------

A proposta parecia ter gorado quando ele, Boaventura, talvez não querendo um debate público com sua “opositora”, sugeriu abrir a palavra ao público. Se as questões foram importantes, mais importante foi quando Ana Fani falou que leu e não gostou do livro *Epistemologias do sul*. Aí, provocado, ele falou com mais clareza sobre sua proposta, que ficara um tanto embaçada na fala inicial. Ficaram evidentes as contradições da academia. Ela, do sul, baseava-se em autor do norte. Ele, do norte, queria fazer uma leitura do sul, a partir do sul, mesmo sendo fruto do norte. Seremos todos norte e sul ou sul contra norte, sul a partir do norte, norte negando sul e norte, norte e sul confirmando a concretude de sul e norte...?

Terminados os debates, o palco ficou tomado por jovens que queriam se fotografar ao lado dos ídolos. O tumulto não demorou muito porque eles queriam perenizar suas imagens com os dois palestrantes, mas isso tinha que ser feito em poucos segundos. Era a velocidade dos fluxos de informação que ditava as performances dos sorrisos, das caras alegres, dos olhos bem abertos que combinavam com as poses que, certamente, serão objeto de admiração dos outros colegas que não puderam ir ao encontro de geógrafos ou que não tiveram a coragem necessária para subir ao palco e pedir pose ou autógrafos aos ídolos. Como eles chegaram, foram-se rapidamente. Talvez houvesse outras coisas mais importantes a se fazer depois das 10 horas da noite. Afinal, Porto Alegre é uma cidade grande, há bares e muita cerveja à disposição. Basta saber o ponto mais adequado à expectativa de cada um. Eles se foram, a gente se foi, as luzes começaram a se apagar. A chuva tinha diminuído e, em pouco tempo, parou. Chegamos ao nosso hotel sem chuva, mas o asfalto molhado testemunhava a precipitação anterior.

Foi interessante ouvir outras interpretações sobre o que ocorreu na mesa redonda. Um desconhecido (aluno de Geografia de algum lugar do presente) disse que Boaventura mandou a Ana Fani ler. Outro falou que ele arrasou e que foi muito superior no confronto. Será que eles viram a mesma mesa que eu vi? Mas aqui já dá pra deduzir alguma coisa: o estrangeiro cativa nosso estudante, ele é superior, é precioso, pode falar o que quiser que a interpretação será sempre a mesma – ele é europeu e pode dar lições que nós, ao sul do Equador, vamos achar bonito. *Foreign is beautiful!* (aliás, o livro que ele trouxe para vender chama-se *Epistemologias do sul!*)

A platéia, formada esmagadoramente pelos estudantes de Geografia provenientes de todos os cantos do Brasil (somente de Presidente Prudente foram deslocados cinco ônibus com aproximadamente 180 estudantes de graduação, mestrado e doutorado), traduziam um zumbido constante (lembrava as vuvuzelas da Copa do Mundo da África) que irritou o músico e que irritava quem queria se concentrar nas palavras dos palestrantes. Era o barulho dos cumprimentos, das alegrias, dos beijinhos e abraços, dos conhecimentos, dos que prazer em te conhecer, do lembra de mim, olha eu estava no encontro de tal lugar, tudo bem?, como está fulano?, será que aquela pessoa ainda vem, como está frio, estou com os pés gelados, como você está bonita, nossa, como você está bem, de quais sessões você vai participar... O vento gelado e os corações acalentados pelo quentão ou pela presença agradável do outro, pela conversa formal e repetitiva de sempre, pelos chavões ou pelas novidades, formavam o ambiente do barulho constante e monocórdio, de vez em quando rompido por uma gargalhada ou por uma palavra pronunciada num timbre mais agudo.

É a força da juventude que me apareceu nesse contexto (expressão muito utilizada por nossos alunos mesmo que o que se escreve esteja descontextualizado). A explosão da

alegria, os movimentos pela inquietação, a busca pelas novidades, a curiosidade pelo banal e pelo que parece ser novo... A vida em movimento que marca cada segundo das pessoas. Alguns mais velhos, com cara de professores, sempre demonstravam curiosidade pelo que os palestrantes falavam. Outros jovens também estavam olhando diretamente para o palco, mas muitos pipocavam suas máquinas fotográficas, procurando poses ou filmando não só o palco, mas seus colegas e amigos em poses mil. Era o espaço se transformando em território.

Nessa observação da força da juventude, lembrei-me que esse ambiente eu já vi em todos os encontros anteriores de geógrafos. Aí a permanência da irreverência, da falta de curiosidade com a ciência, do outro que pensa, me apareceu como permanência, como moto contínuo, como algo que não se modifica.

A dialética da vida se apresentou para mim, claramente, como a união dos contrários. A força da permanência, da repetição, da falta de novidade (dentro das aparentes novidades), da mesmice no trajar e no agir, negava a força da juventude, a irreverência e a aparência do que parecia ser novo. A real força da vontade de ser e crescer parecia se negar na repetição de atos e gestos desgastados pela observação de quem participa dos encontros de geógrafos desde 1972. O novo e o repetitivo se tornavam uma coisa só, sintetizavam-se nas pessoas que não eram as mesmas de dois anos antes, no encontro de geógrafos de São Paulo, exceção a uma porcentagem muito pequena daquele público de umas duas mil pessoas presentes (informaram que o número de pessoas inscritas no evento passou de cinco mil!).

A música tinha proposta política clara, o debate foi proveitoso a quem procurou absorver algumas (impossível acompanhar toda uma palestra sem se distrair) das idéias dos palestrantes, as perguntas e as respostas esclareceram muitas lacunas que porventura (do Boaventura?) ficaram em nossas mentes. O zumbido das vuvuzelas gargantas humanas não parou um minuto. O que parecia movimento refletiu a permanência de uma força que poderia empurrar as leituras e a curiosidade sobre a ciência, mas ficou no sorriso e no olhar vivaz dos jovens, muitos deles embalados pelo quentão, pela emoção, pelo calor presencial e singular do ser humano, pela condição de ser geógrafo em um encontro nunca antes visto, mas que contém o repetido sentido do espírito agebeano – o aparente mais forte que o concreto. A AGB continua, mesmo que não tenha sido fundada para isso, como um movimento que se manifesta intensamente a cada dois anos, no mês de julho, em diferentes cidades brasileiras. *Eppur si muove.*

Porto Alegre, julho de 2010.